

SIMPÓSIO*

LABORANDO UMA PROGRESSÃO DIDÁTICA DE GÊNEROS - ASPECTOS LINGÜÍSTICO-ENUNCIATIVOS ENVOLVIDOS NO AGRUPAMENTO DE GÊNEROS "RELATAR"**

Roxane Helena Rodrigues ROJO (LAEL/PUC-SP)

ABSTRACT: In this paper, I discuss in some details linguistic and discursive aspects that might be involved in the elaboration of didactic progressions to teach-and-learn a group of discursive genres in the domain of "reporting", namely diaries, travel diaries, biographies and historical reports. I will focus on more general discursive aspects concerning the production conditions, the themes, the compositional forms of genres and the compositional procedures, as well as on grammatical aspects concerning linguistic forms of discursive genres, both relevant to the construction of didactic progressions to teach-and-learn this group of genres. The theoretical basis to the present discussion is a vygotskian socio-historical theory of teaching-and-learning, that takes a bakhtinian theory of discourse as an adequate description to language and discourse and that reinterprets both of them in a didactic way focused on it's educational applications and it's didactic transpositions in regular basic school, as proposed by part of the team of Educational Sciences of the University of Geneva, especially Schneuwly and Dolz. Therefore, I will discuss, in this paper, various linguistic and discursive aspects involved in the elaboration of didactic progressions in these genres belonging to the "reporting" group of discursive genres. Since the "reporting" group of discursive genres is not the most discussed in the work of the team of the University of Geneva, this paper can add new aspects to the reflection about teaching-and-learning progressions in language teaching.

Os novos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) elaborados pelo MEC para orientar o Ensino Fundamental encaminham fortemente na direção de um trabalho, consistente e coerente, com os gêneros do discurso. Se não mencionarmos o nosso amplo desconhecimento a respeito dos processos de construção dos gêneros de discurso por parte da criança, um dos problemas principais envolvidos na implementação desta visão, com a qual estou de acordo, seja para formar educadores, seja para elaborar progressões curriculares ou planos de escola, é a falta de uma análise mais detalhada e consistente sobre os gêneros do discurso eles próprios e sobre suas propriedades lingüístico-discursivas.

Se em alguns campos, como é o caso do relatar (experiências vividas, fatias de vida) e do narrar (lendas, contos de fadas), temos disponíveis análises (estruturais, formalistas e até mesmo enunciativas) sobre os gêneros em questão e sobre suas propriedades e, até mesmo, disponhamos de descrições mais ou menos acuradas de seus processos de construção ("aquisição") por parte da criança¹; em outros campos, como é o caso do argumentar, do expor e do instruir/prescrever, temos descrições bastante incipientes e insuficientes, em ambos os aspectos (descrição de gêneros e construção ontogenética).

Como creio que uma legítima operacionalização das indicações presentes nos PCN envolvam tanto uma descrição mais ou menos detalhada de gêneros, como uma compreensão mais ou menos profunda de seu processo de construção por parte da criança-aprendiz (em suas versões mais primitivas - primárias -, assim como em suas versões mais complexas - secundárias), ocupo-me, neste trabalho,

* Simpósio "Gêneros do Discurso como Base de uma Progreessão Curricular no Ensino Fundamental".

** Agradeço ao CNPq o suporte a esta pesquisa.

¹ Não é por outra razão que este trabalho dedica-se ao agrupamento "relatar".

de uma das facetas destes pré-requisitos. Assim sendo, minha contribuição neste artigo visa detalhar e discutir aspectos lingüístico-enunciativos envolvidos numa progressão didática no agrupamento de gêneros “relatar”. Estará centrada tanto em aspectos enunciativos - relativos às situações de produção, temáticas e formas (e procedimentos) composicionais mais gerais -, como em aspectos gramaticais (particularidades lingüísticas das formas de gênero), que sejam relevantes para a construção de uma progressão didática curricular neste agrupamento.

Para explicar melhor este objetivo, é necessário detalhar um pouco as bases teóricas que me levaram a esta preocupação, assim como algumas noções aí mencionadas, tais como “*agrupamento de gêneros*”, “*agrupamento ‘relatar’*” e “*progressão didática*”.

A base teórica desta discussão é uma Teoria da Aprendizagem vygotskiana (sócio-histórica) que toma a Teoria da Enunciação de vezo bakhtiniano como uma boa elaboração para as questões da linguagem e do discurso, crucialmente envolvidas na aprendizagem, e que as relê, com finalidades didáticas e base sócio-histórica, tal como o faz parte da equipe de Ciências da Educação da Universidade de Genebra (especialmente, Schneuwly & Dolz), do ponto de vista de suas aplicações educacionais e transposições didáticas na escola regular e no ensino fundamental.

Como vygotskiana, creio que o propriamente humano é tecido a partir da inserção social em instituições (família, escola etc.), que se materializa em interações sociais interpessoais, e que é próprio do humano apropriá-las “como seu” (internalizá-las) por meio dos discursos alheios internalizados e tornados próprios. Esta seria, na perspectiva sócio-histórica, a dinâmica da aprendizagem e, por decorrência, do desenvolvimento humano.

Desta perspectiva, os discursos em circulação e apropriados pelo indivíduo humano são eminentemente dialógicos e polifônicos: estão em permanente diálogo com outros discursos e vozes presentes, passados e futuros. Desta maneira, cada enunciado toma de outros enunciados suas formas e significações e dirige-se a outros (possíveis) enunciados, dentro de situações sociais de enunciação. Neste sentido, dada a diversidade das situações de enunciação (materiais e sociais) - diversidade de tempo e lugar da enunciação; diversidade dos enunciadadores participantes na interação e de suas imagens recíprocas; diversidade de finalidades enunciativas -, o enunciado é uma realidade concreta do discurso irrepetível.

No entanto, a dinâmica dialética e histórica das próprias situações de enunciação, travada na permanência e na mudança, torna possíveis certas formas composicionais estabilizadas e historicamente cristalizadas de enunciados: os gêneros do discurso. Embora os próprios gêneros do discurso sejam eles também flexíveis e em permanente mudança no espaço histórico-social, sua realidade material permanece se presentes as condições sociais de produção de discurso que a engendraram.

Assim, na Teoria dos Gêneros do Discurso elaborada pelo círculo de Bakhtin (Voloshínov, 1929; Bakhtin, 1979), são mencionados uma infinidade de gêneros, alguns mais ligados às esferas sociais quotidianas de relação humana, às formas do diálogo e às situações de interação face à face (gêneros primários); outros cuja circunstância de aparecimento está ligada a outras esferas, públicas e mais complexas, de interação social, muitas vezes mediadas pela escrita e apresentando uma forma composicional monologizada (gêneros secundários). Segundo Bakhtin (*op.cit.*), em sua gênese, os gêneros secundários muitas vezes absorvem e transmutam os gêneros primários devido a situações mais complexas de enunciação.

Bernard Schneuwly (1994) sugere que, do ponto de vista da construção dos discursos e da linguagem pela criança, possamos tomar os gêneros do discurso como “*mega-instrumentos*”, i.e., instrumentos de mediação semiótica complexos que implicariam, por si próprios, a construção de instrumentos menos complexos nele envolvidos, a nível da linguagem e do pensamento. É justamente neste sentido que os gêneros do discurso, implicando aspectos temáticos, composicionais, enunciativos e lingüísticos em si mesmos, são uma poderosa ferramenta de ensino-aprendizagem de línguas e podem ser indicados ou sugeridos, como fazem os PCN, como uma unidade organizadora de currículos e de progressões no ensino fundamental.

Dolz & Schneuwly (1996), trabalhando a partir desta mesma hipótese dos gêneros como organizadores de progressões curriculares, apontam dois aspectos ou problemas que as aplicações educacionais e transposições didáticas devem levar em conta: por um lado, a enorme multiplicidade e variedade dos gêneros primários e secundários, orais e escritos; por outro, a diferença de complexidade de um gênero a outro e as transversalidades, a nível de semelhanças, que caracterizam certos gêneros de um mesmo domínio social de comunicação.

Como unidades organizadoras do ensino-aprendizagem de língua, o fato dos gêneros serem muitíssimos e muito variados, cria um problema de escolha e seleção de gêneros para as transposições didáticas. No entanto, o segundo aspecto mencionado - as diferenças de complexidade e as “semelhanças de família” entre gêneros de uma mesma esfera social de comunicação - vem justamente auxiliar na reflexão sobre a seleção de gêneros e a progressão didática a ser organizada numa transposição.

Segundo os autores, gêneros pertencentes a uma mesma esfera social de comunicação, apresentando possíveis semelhanças em suas situações de produção, compartilharão outros aspectos entre si a nível composicional e temático, embora com diferentes graus de complexidade. Neste sentido é que se autorizam a propor “*agrupamentos de gêneros*”.

Numa reflexão ainda bastante aberta a sugestões e modificações, os autores mencionam cinco destes agrupamentos, definidos pelo seu domínio social de comunicação privilegiado, que, por sua vez, tanto determinaria aspectos composicionais e temáticos, denominados pelos autores de “*aspectos tipológicos*”,

como exigiria do enunciador certas “*capacidades de linguagem dominantes*”. São eles:

- AGRUPAMENTO DA ORDEM DO RELATAR - ligado ao domínio social da comunicação votado à *documentação e memorização das ações humanas*, exigindo uma *representação pelo discurso de experiências vividas situadas no tempo* (relatos de experiência vivida, diários íntimos, diários de viagem, notícias, biografias, relato histórico etc.);
- AGRUPAMENTO DA ORDEM DO NARRAR - ligado ao domínio social da *cultura literária ficcional*, caracteriza-se pela *mimesis da ação através da criação da intriga no domínio do verossímil* (contos de fadas, fábulas, lendas, ficção científica, narrativa de enigma, romance etc.);
- AGRUPAMENTO DA ORDEM DO ARGUMENTAR - ligado ao domínio social da comunicação votado à *discussão de problemas sociais controversos*, exige a *sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição* (diálogo argumentativo, carta de reclamação, debate regrado, editorial, ensaio argumentativo etc.);
- AGRUPAMENTO DA ORDEM DO EXPOR - ligado ao domínio social da comunicação votado à *transmissão e construção de saberes*, exige a *apresentação textual de diferentes formas dos saberes* (texto expositivo, conferências, seminários, resenhas, artigos etc.);
- AGRUPAMENTO DA ORDEM DO DESCREVER AÇÕES² - ligado ao domínio social da comunicação votado às *instruções e prescrições*, exige a *regulação mútua de comportamentos* (instruções de uso, instruções de montagem, receitas, regulamentos, regras de jogo etc.).

Ainda na opinião dos autores (assim como na minha), cada um destes e todos os agrupamentos teriam de ser trabalhados em cada série escolar, variando-se seja o gênero selecionado para exploração, seja o grau de profundidade da abordagem de um gênero, garantindo-se construções cada vez mais complexas de linguagem, num processo de ensino-aprendizagem espiral, que tomaria a complexificação como dinâmica para a “*progressão didática*”. Como já mencionei antes, tal organização didática não é possível sem que se disponha, por um lado, de uma descrição enunciativa, ainda que provisória, dos gêneros em questão (objetos do ensino-aprendizagem) e, por outro, de uma certa clareza, também provisória, do DR (desenvolvimento real) dos aprendizes na construção deste(s) gênero(s).

Com este foco específico, estarei discutindo, neste artigo, as possibilidades de organização de uma progressão entre alguns gêneros do agrupamento “*relatar*” (diário íntimo, diário de viagem, biografia e relato histórico). Como este agrupamento (“*relatar*”) não se encontra especialmente focado nos trabalhos da equipe de Genebra, a presente contribuição pode vir a acrescentar novos aspectos no que diz respeito à reflexão sobre progressão curricular.

² Que, pessoalmente, prefiro denominar “agrupamento da ordem do **instruir e prescrever**”.

Na verdade, não estarei trabalhando de fato com gêneros, o que exigiria um trabalho de maior fôlego sobre um *corpus* extenso de textos pertencentes a cada um dos gêneros aqui enfocados. Estarei tentando um passo anterior, que é o de descrever alguns *textos* pertencentes a estes gêneros, supondo que estas descrições tenham chances de ser generalizadas por um *corpus* maior, o que validaria esta reflexão.

Compõem o *corpus* de referência do presente trabalho cinco textos de transposição didática³, na sua maioria adaptados e retirados de livros didáticos ou paradidáticos, dois deles pertencentes ao gênero “*diário íntimo*”, mas cada um deles engendrado em situação de enunciação bastante diversa. Os outros três pertencem, respectivamente, aos gêneros “*diário de viagem*”, “*biografia*” e “*relato histórico*”. São eles:

- *Primeiro Caderno*, Diário do Outro, Ronald Claver, Atual, 1989, Coleção Transas e Tramas (DIÁRIO ÍNTIMO);
- Diário de Zlata - A vida de uma menina na guerra, Zlata Filipović, Trad. de A. M. Soares e H. Jahn, Cia das Letras, 1994 (DIÁRIO ÍNTIMO);
- *Sete Dias de Tempestade*, Cem Dias Entre Céu e Mar, Amyr Klink, Editora José Olympio, 26ª edição, 1990 (DIÁRIO DE VIAGEM);
- A Vida de Monet, Talita M. Rodrigues, Ediouro, 1995 (BIOGRAFIA);
- *A Guerra da Secessão*, História Geral, 1(2), Raymundo Campos, Ed. Atual, 1997 (RELATO HISTÓRICO).

Privilegiarei, na análise dos textos, alguns aspectos enunciativos e lingüísticos, ligados, principalmente, à ancoragem enunciativa e ao universo semântico e temático.

A ancoragem enunciativa é uma primeira operação de gestão textual que define a relação que o enunciador instaura com a situação de produção de seu texto ou discurso e que, neste sentido, é largamente dependente da criação que o enunciador faz de uma “*base de orientação*” para a produção de seu discurso/texto. Esta criação de uma base de orientação se constitui como a definição ou instanciação dos valores dos diferentes parâmetros da interação social em curso na enunciação (Schneuwly, 1988), ou seja, aqueles referentes às relações entre o(s) enunciador(es) e seu(s) destinatário(s), aquelas que definem o lugar social dos enunciadores e da enunciação e precisam a finalidade da atividade de linguagem.

³ O fato de se tratar de textos de transposição didática, i.e., retirados de livros didáticos ou paradidáticos, não é aqui irrelevante. Isto não só muitas vezes modifica sua situação original de produção (adaptação e corte) como, muitas vezes, como é o caso aqui do texto *A Guerra da Secessão*, podemos não reconhecer no texto as propriedades esperadas do gênero, mas concordar que a maioria dos textos de transposição didática do gênero em livros didáticos partilham algumas das propriedades do texto em questão.

Podemos distinguir duas dimensões da ancoragem enunciativa, que Schnewly (*op. cit.*, p.33) coloca em forma de questões:

- qual é a relação que se estabelece entre os parâmetros da atividade de linguagem em curso (enunciadores, seus lugares sociais e suas finalidades) e a própria situação material de produção do discurso (tempo e lugar material da enunciação)?
- qual é a relação entre o conteúdo textual global e a situação material de produção? Trata-se do mesmo mundo ou de mundos diferentes?

Trata-se, no primeiro caso, do eixo da situação da ancoragem enunciativa. Pelo menos duas relações são possíveis entre o(s) enunciador(es) (com seus lugares sociais e finalidades) e a situação material de produção dos discursos: a de implicação e a de autonomia. Na relação de implicação, a atividade discursiva se desenvolve em interação constante e explícita com a situação material; há referências aos locutores e interlocutores presentes em situação, a lugares imediatos da situação e ao momento definido pelo próprio momento da enunciação. Poderíamos benvenisteanamente dizer que é a ancoragem do discurso do *eu/tu*, do *aqui/agora*. Os processos dêiticos (de pessoa, tempo e lugar) são suas características lingüístico-enunciativas mais marcantes. Já na relação de autonomia, faz-se abstração da situação material de produção; esta não aparece referenciada de maneira imediata e explícita no discurso que apaga suas marcas discursivas, privilegiando a não-pessoa, a referencialidade.

No segundo caso, trata-se justamente do eixo da referencialidade da ancoragem enunciativa. Novamente, pelo menos duas relações são possíveis entre os conteúdos ou temas do mundo discursivo e o mundo da situação material de produção: a de conjunção ou disjunção. Na relação de conjunção de mundos, utiliza-se a linguagem para falar do mundo no qual se age; não há ruptura entre o mundo dito e o mundo da situação, que pode, inclusive, sofrer de maneira imediata os seus efeitos. Os melhores exemplos seriam os gêneros da ordem do instruir ou prescrever. Já na relação de disjunção de mundos, discursa-se sobre um mundo que já não é, situado alhures; os conteúdos e temas são apresentados como pertencentes a um outro mundo que não o atual.

Podemos, além disso, pensar na distribuição temática ou referencial destes conteúdos discursivos, mais aproximados ou distanciados da quotidianidade e, logo, da situação material de enunciação e do mundo do enunciador.

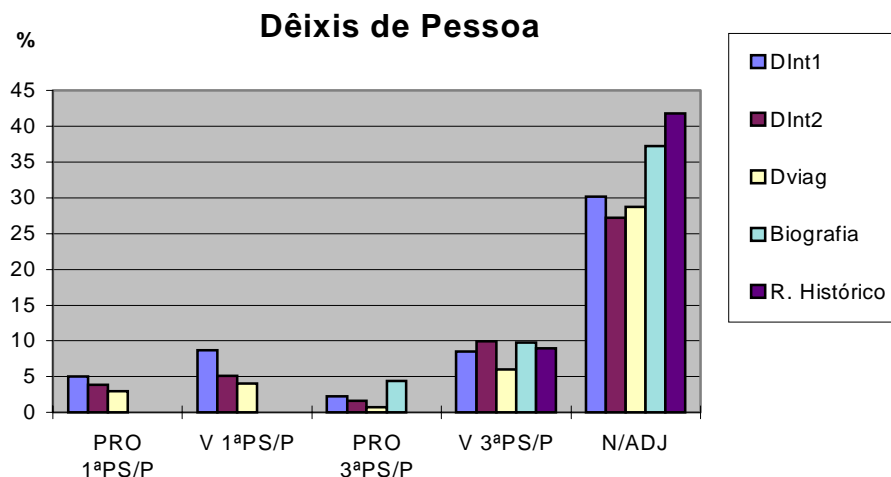
Assim, neste artigo, o *corpus* será quantitativamente e comparativamente analisado do ponto de vista da ancoragem enunciativa (e de suas marcas lingüísticas) e da distribuição temática, a partir das seguintes categorias de análise:

- Ancoragem Enunciativa:
 - Eixo da Situação (implicada/autônoma):
 - dêixis de pessoa (PRO 1ªPS/P; PRO 2ªPS/P; V 1ªPS/P, V 2ª PS/P);
 - referencialidade (N+ADJ; PRO 3ªPS/P; V 3ªPS/P);

- densidade sintagmática nominal (N+ADJ);
- Eixo da Referencialidade (conjunta/disjunta):
 - dêixis de tempo e lugar;
 - correlação dos tempos verbais;
- Distribuição Temática:
 - campos semânticos lexicais: N Próprio; N por campo semântico; ADJs).

O instrumento computacional utilizado para análise (quantificação e comparação dos textos) foi o programa WordSmith 2.0.⁴

Progressão na Ancoragem Enunciativa - O Eixo da Situação



No que se refere ao eixo da situação, a caracterização quantitativa e comparativa dos cinco textos sob análise faz ver uma nítida diferenciação de ancoragem entre dois blocos de textos: os diários (íntimos e de viagem) e o binômio biografia/relato histórico.

Em primeiro lugar, a dêixis de pessoa, seja em sua forma lingüística pronominal ou flexional verbal, está totalmente ausente do segundo bloco, só se verificando nos diários. Aliás, a pronominalização está totalmente ausente do texto de relato histórico - que, nisso, diferencia-se acentuadamente da biografia, que apresenta pronomes de 3ª pessoa (anáforas) -, que dá decidida preferência às formas lexicais de referencialidade, utilizando, para tal, recursos lingüísticos tais como as nominalizações propriamente ditas, as formas nominais dos verbos etc.

Neste sentido, cada um dos dois blocos merece análise em separado. No bloco de textos de diários (íntimos, de viagem), há um declínio da dêixis de pessoa

⁴ © Mike Scott and Oxford University Press, 1996. O *Concordancer* opera, no que aqui nos interessa, a partir do cálculo do nº de palavras do texto; do nº de palavras não repetidas; da relação entre ambos e do cálculo da porcentagem da palavra ou categoria em questão no nº total de palavras do texto.

(1ª pessoa do discurso) entre os três textos, seja na forma lingüística pronominal ou flexional. Cabe aqui um comentário à parte sobre a dêixis de 2ª pessoa do discurso (“tu” - “você”, no caso do Português do Brasil). Estes dêiticos só apareceram numa incidência muitíssimo pequena no segundo texto (diário íntimo) - *O Diário de Zlata* -, sempre numa situação de interlocução direta entre a enunciativa (Zlata) e seu diário, nomeado “Mimmy” e referido como “você” em algumas interlocuções empiricamente interativas, num claro processo de animização do portador de texto. Mas tratou-se de uma exceção. Portanto, impera, nos diários (“discurso de si” por excelência, no sentido foucaultiano do termo), o *eu*, embora, entre os três textos, haja um decréscimo considerável da presença do *eu*.

Já o bloco de textos biografia/relato histórico tende a um bloqueio decisivo da dêixis, sendo que a biografia apresenta ainda a pronominalização anafórica, diferentemente do texto de relato histórico.

No que diz respeito à referencialidade lexical, há um claro incremento de densidade sintagmática no segundo bloco, passando de um máximo de 30% nos diários, a cerca de 43% no segundo bloco de textos (biografia/relato histórico).

Como hipótese a ser verificada adiante, poder-se-ia correlacionar este decréscimo da dêixis de pessoa também ao eixo da referencialidade: na medida em que a temática distancia-se do cotidiano e aproxima-se das esferas públicas, a ancoragem tenderia à relação autônoma.

Em síntese, podemos apontar, a partir da análise bastante inicial destes três textos, que, entre os textos pertencentes aos gêneros diários (íntimo, de viagem), biografia e relato histórico, encontramos as seguintes diferenciações:

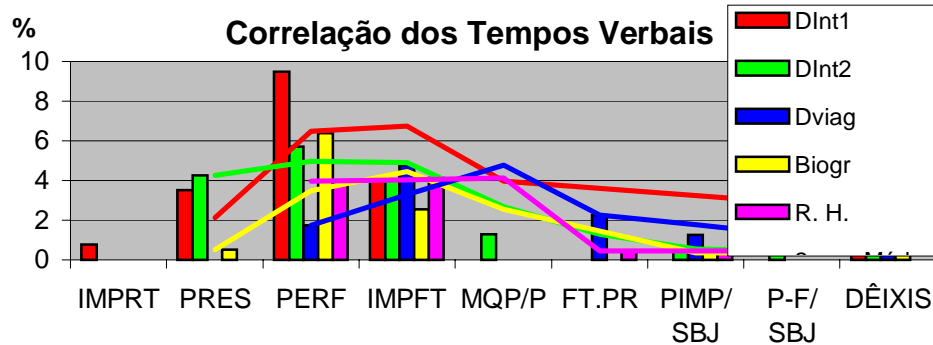
- em termos lingüísticos:
 - decréscimo na pronominalização em favor da referencialidade nominal, o que implica uma importância maior da construção de conhecimento sobre temas e de exploração de repertório e vocabulário (ver item léxico adiante);
 - em termos de procedimentos coesivos, a emergência da anáfora pronominal na biografia e da nominal no relato histórico;
- em termos enunciativos:
 - ancoragem implicada nos diários, mas com menos marcas de implicação naqueles que relatam experiências menos cotidianas;
 - ancoragem autônoma na biografia e no relato histórico, acarretando, para estes gêneros uma importância maior da extraposição do enunciador em relação à situação e ao mundo textual e da objetivação (reificação) dos temas do texto.

Se se considerar que, na ontogênese, a implicação na situação e o discurso de si e do cotidiano é mais primitivo que a autonomia em relação à situação e o discurso do(s) mundo(s)⁵, poder-se-ia aventar a hipótese de uma progressão em

⁵ Como fazem crer a maioria das pesquisas sócio-interacionistas em “aquisição” de linguagem.

direção à ancoragem autônoma no agrupamento *relatar*. Quanto mais próxima a temática do quotidiano e, logo, do *eu* e quanto mais próximas do presente quotidiano (ontem, antes de ontem) as ações relatadas, maior a implicação. No caso contrário, maior a autonomia. Neste sentido, haveria, neste caso, um predomínio do referencial sobre o interativo-situacional: o eixo da referencialidade exerceria uma interferência decisiva no eixo da situação.

Progressão na Ancoragem Enunciativa - O Eixo da Referencialidade



Legenda dos Tempos Verbais: IMPRT (imperativo); PRES (presente); PERF (pretérito perfeito); IMPFT (pretérito imperfeito); MQP/P (pretérito mais que perfeito); FT.PR (futuro do pretérito); PIMP/SBJ (pretérito imperfeito do subjuntivo); P-F/SBJ (presente e futuro do subjuntivo)⁶

Como se viu, o tempo é um fator decisivo na ancoragem conjunta ou disjunta. Na ancoragem conjunta, trata-se de utilizar a linguagem para falar do mundo no qual se age; sua temporalidade preferencial será a dos tempos inseridos no presente (o próprio presente do indicativo, mas também o futuro, o imperativo etc.) em correlação com os tempos do passado. A dêixis de tempo e lugar também se fará presente nesse tipo de ancoragem. Já na ancoragem disjunta, trata-se de discursar sobre um mundo que já não é, situado alhures. Sua correlação preferencial girará em torno dos tempos do passado (pretérito perfeito, imperfeito, mais que perfeito, futuro do pretérito, pretérito do subjuntivo etc.).

O gráfico acima, aponta uma ancoragem disjunta no caso destes cinco textos, com uma correlação principal entre os tempos do passado, o que seria próprio do agrupamento "relatar". Mas aponta também uma progressão no eixo da referencialidade que vai na direção da disjunção de mundos e da complexificação da correlação entre os diversos tempos do passado.

⁶ Na discussão que se segue, a melhor via de leitura do gráfico para clareza do leitor é a das **linhas de tendência por média móvel**, que mostram a tendência principal de correlação, além de, criando uma média móvel, ajustarem as flutuações nos dados, para mostrar de forma mais clara o padrão ou tendência principal de correlação.

No caso dos textos de diário íntimo (*Diário do Outro* e *O Diário de Zlata*), embora a frequência de tempos verbais no nº total de palavras dos textos aponte uma correlação principal que se dá entre os pretéritos perfeito e imperfeito, a incidência do presente é grande, apontando, principalmente ainda, para uma correlação presente-perfeito/imperfeito e para uma ancoragem não tão disjunta assim.

Há diferenças entre os dois textos de diário íntimo. No caso de *Diário do Outro*, a correlação principal é entre os pretéritos perfeito>imperfeito (9,48>3,99), mas seguido este último de perto pelo presente (3,49). No caso de *O Diário de Zlata*, esta correlação se inverte: perfeito>presente (5,71>4,24), seguido de perto pelo imperfeito (4,05), o que aponta para uma maior conjunção de mundos no segundo texto. Mas também ocorre aí uma incidência pequena do pretérito mais que perfeito, do pretérito imperfeito do subjuntivo e do futuro do subjuntivo. Este aspecto será comentado adiante.

Um aspecto interessante do texto retirado de *Diário de Outro* é a presença do imperativo, seja no discurso citado, seja na própria interatividade do autor com seu diário, nomeado como "*Big Ben*" e designado por "*tu*" no uso do imperativo, efeito da ancoragem implicada no eixo da situação.

Há também uma certa incidência, nestes dois textos, de dêiticos de tempo e lugar (2,49 e 1,84, respectivamente), que tende a uma diminuição acentuada e ao desaparecimento nos outros três textos.

Em conclusão, vê-se que, no caso dos diários íntimos, podemos supor uma ancoragem que, embora disjunta, está ainda muito próxima, ou apresenta momentos de ancoragem conjunta. Isto é compreensível, na medida em que, embora os diários íntimos essencialmente funcionem como memória e documentação da ação humana (domínio sócio-comunicativo do agrupamento "relatar"), trabalham numa "fatia de vida" bastante restrita ("o dia de ontem", "o de hoje", "como me sinto agora" etc.), capaz de acarretar esta flutuação entre as ancoragens conjunta e disjunta. Outro aspecto a ser comentado, referente à situação de produção de *O Diário de Zlata*, é que, neste caso, a autora, para além de documentar suas memórias, tem também uma finalidade ou vontade enunciativa votada a argumentar contra a guerra na Bósnia, responsável, neste caso, por momentos mais freqüentes de ancoragem conjunta.

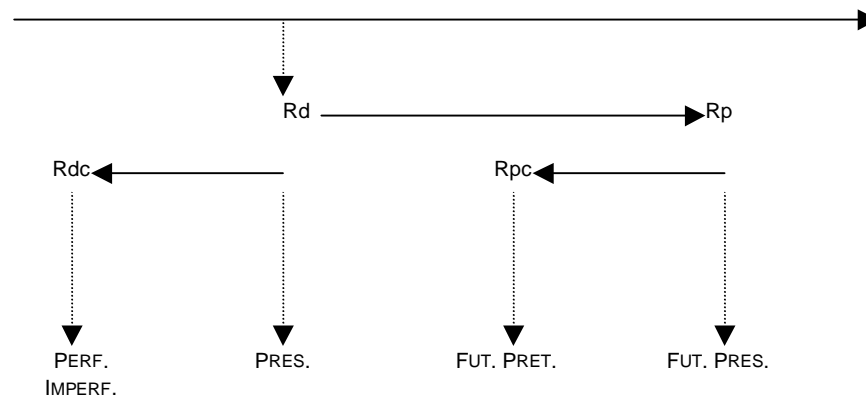
Comparando-se os dois textos de diário íntimo com o texto de diário de viagem, tem-se, neste último, um deslocamento decisivo em direção à ancoragem disjunta, com uma correlação pretérito imperfeito>futuro do pretérito>pretérito perfeito (4,79>2,27>1,76), a ausência total do presente e acentuada diminuição na dêixis de tempo e lugar. Verifica-se também uma complexificação ou sofisticação no uso de tempos verbais, com a presença do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito do subjuntivo. Mais do que apontar para uma sofisticação do uso do sistema lingüístico verbal, a presença destes tempos verbais (futuro do pretérito, pretérito imperfeito do subjuntivo), sobretudo se somada à presença majoritária do pretérito imperfeito, aponta para uma menor taxa de perfectividade neste texto: as

ações relatadas não são vistas como acabadas e pontuais no passado, com seus resultados, mas para uma representação condicional, imperfeita, “daquilo que seria, se fosse o caso”.

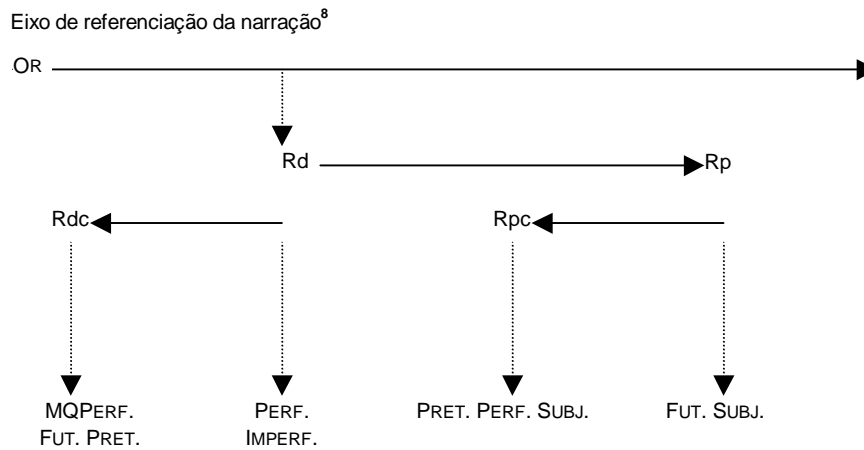
Por outro lado, estas diferenças de correlação apontam para diferenças num aspecto fundamental da ancoragem que é o da referência enunciativa (Bronckart, Schneuwly *et al.*, 1985: 47-50). Segundo os autores, inspirados em Reichenbach (1947) e em Fayol (1981), referência enunciativa designa exatamente o conjunto de operações que projetam a ancoragem enunciativa sobre o eixo temporal ao longo do qual se desenrolam os discursos, dizendo respeito, portanto, à organização temporal geral dos discursos. Retomando a metáfora clássica da produção do discurso como tecido, com seu duplo aspecto de cadeia e trama, os autores consideram que, ao longo da produção do discurso (em cadeia), enganches referenciais (“*prises de repère*”) em relação à situação de produção do discurso são regularmente efetuados (na trama).

Apoiados em Reichenbach (*op.cit.*), os autores distinguem três pontos de referência ou de enganche possíveis: a) o momento da produção verbal (enganche S); b) o momento do evento relatado (enganche E) e c) um ponto referencial construído pelo enunciador (enganche R). Assim, os autores distinguem o eixo de referência do discurso em situação (implicado e conjunto), do eixo de referência da narração (autônoma e disjunta), a partir dos seguintes diagramas:

Eixo de referência do discurso em situação⁷



⁷ Legenda: **Rd** - referência direta; **Rp** - referência projetada; **Rdc** - referência direta composta; **Rpc** - referência projetada composta.



Portanto, de acordo com essa abordagem dos autores, no caso dos diários íntimos, tem-se o eixo da referenciação do discurso em situação, logo, essencialmente conjunto⁹ e, no caso do diário de viagem, tem-se o eixo da referenciação da narração, com ancoragem disjunta, mas com origem temporal dêitica e não histórica, efeito da ancoragem implicada na situação enunciativa, o que explicaria a incidência ainda que incipiente, de dêiticos de tempo e lugar no texto retirado de *Cem Dias entre Céu e Mar*.

Comparando-se o diário de viagem à biografia, a principal diferença estaria na taxa de perfectividade, pois detecta-se a seguinte correlação num e noutro textos: pretérito imperfeito>futuro do pretérito>pretérito perfeito (4,79>2,27>1,76), no caso do diário de viagem, e pretérito perfeito>pretérito imperfeito e pretérito imperfeito do subjuntivo (6,4>2,53>0,34), acusando-se, em ambos os casos uma ancoragem disjunta, mas com tendência a uma referenciação projetada (enganche R, ou seja, na perspectiva construída pelo enunciador), no diário de viagem, e a uma referenciação direta (enganche E, ou seja, no evento relatado), na biografia.

Novamente, minha interpretação destas diferenças diz respeito à fatia de vida abrangida pelo relato e à situação de produção enunciativa em cada um dos gêneros. Abrangendo uma “fatia de vida” menor que a da biografia e tendo uma ancoragem implicada (embora bem menor do que aquela dos diários íntimos e mais referenciada à objetividade, como veremos adiante), o enunciador do diário de viagem não está simplesmente documentando as ocorrências de seu percurso,

⁸ Onde **Or** designa “origem temporal”, ou a parte inicial do eixo de referenciação nas ancoragens disjuntas (para os relatos, *origem dêitica*; para as narrativas, *origem histórica*). A correlação de tempos proposta em Bronckart, Schneuwly *et al.* (1985) para o francês foi por mim adaptada para o Português do Brasil.

⁹ O que corrobora minha hipótese acima anunciada de uma incidência da ancoragem conjunta nos diários íntimos, devida ao tipo de fatia de vida abordada e à situação de produção, contrariando a definição de ancoragem do agrupamento “relatar” (relato conversacional ou em situação), na obra de Bronckart, Schneuwly *et al.* (1985) como *disjunto* e implicado.

mas, no caso específico de Amyr Klink, isto é feito para projetar e/ou prever possíveis acidentes de percurso e tomar decisões sobre ações alternativas. Neste sentido, estas “fatias de vida” tendem à imperfetividade e à referenciação projetada.

Já na biografia de Monet, trata-se de uma “fatia de vida” maior, acabada (perfectiva), referenciada dêiticamente à vida do artista (enganche no evento relatado E), enunciada à partir de uma ancoragem autônoma e objetiva (extraposta). Cabe assinalar aqui a ocorrência do presente histórico, como forma de dirigir a perspectiva enunciativa. Novamente aqui, a descrição proposta por Bronckart, Schneuwly *et al.* (1985) para os arquétipos discursivos, a partir de sua ancoragem enunciativa, colocaria a biografia não no campo do “relatar” (como o fazem Dolz & Schneuwly (1996), a partir da esfera social de comunicação), cuja ancoragem seria implicada, mas no campo da narração, na medida em que temos uma ancoragem autônoma e disjunta.

O mesmo seria verdadeiro para o texto de relato histórico em questão (*A Guerra de Secessão*), na medida em que a correlação dos tempos verbais que aí se coloca é a de pretérito imperfeito/pretérito perfeito>futuro do pretérito/pretérito imperfeito do subjuntivo (4,1/3,95>0,46/0,46). Trata-se, portanto, claramente de uma referenciação direta com enganche E no evento relatado, enunciada a partir de uma ancoragem autônoma e com origem temporal histórica, o que explicaria o desaparecimento de qualquer marca dêitica neste texto.

Nesta descrição, cabe dizer que *O Diário de Zlata* se configura como um texto atípico, ou intermediário, no dizer de Schneuwly (1985). Embora o texto apresente, mais claramente do que todos, como comentei acima, uma ancoragem implicada e conjunta, nele também há uma pequena incidência de tempos verbais próprios da referenciação disjunta (projetiva), tais como o pretérito mais que perfeito, o pretérito imperfeito do subjuntivo e o futuro do subjuntivo. Schneuwly (1985: 101) comenta que, quando se trabalha com textos não arquetípicos, a terminologia dicotômica utilizada em Bronckart, Schneuwly *et al.* (1985) para dar conta dos diferentes tipos de ancoragem (implicado/autônomo, conjunto/disjunto) mostra-se insuficiente. “*Quando se tenta descrever mais precisamente os modos de ancoragem de diferentes gêneros de textos que não sejam textos arquetípicos, vemos rapidamente que é possível distinguir graus de autonomia e de disjunção*”. A partir disso, Schneuwly opta por repensar os tipos discursivos fundamentais propostos em Bronckart, Schneuwly *et al.* (1985) como polos que delimitam um espaço, representando o máximo de conjunção/disjunção, implicação/autonomia possível e busca, então, definir modos de ancoragem *intermediários* em relação a estes tipos discursivos fundamentais: parcialmente autônomos, relativamente implicados na situação material de produção, mais ou menos disjuntos.

Portanto, um texto como o retirado de *O Diário de Zlata* seria, para Schneuwly, um texto (ou gênero) intermediário entre o discurso em situação e a narração (DS e N). Dentre os gêneros que Schneuwly aloca neste espaço

intermediário estão o diário de viagem¹⁰ e o relato de vida (ou autobiografia), ao qual poderíamos aproximar *O Diário de Zlata*, mais do que, talvez, ao diário íntimo. Suas características seriam: ter uma perspectiva retroativa; seu tema ser uma vida individual ou a história de uma personalidade, sendo que o enunciador, o narrador e o personagem principal remetem todos ao mesmo nome próprio (no caso, *Zlata Filipović*). Mesmo se houver um interlocutor direto (como vimos, no caso, o diário *Mimmy*), o destinatário real do relato é um público vasto, indefinido. Sua ancoragem na situação de produção é, portanto, necessariamente intermediária: o enunciador constrói um mundo que, particularmente do ponto de vista temporal, funciona bastante independentemente do momento do ato de produção. Entretanto, a participação direta do locutor nos acontecimentos narrados, engancha o relato à situação material atual. A isto pode-se acrescentar um interlocutor direto através do qual o enunciador se dirige ao destinatário real¹¹.

A discussão de Schneuwly sobre os textos intermediários nos abre a possibilidade da discussão que aqui estamos querendo levantar. Se há diferentes graus de disjunção e de autonomia, determinados essencialmente pela situação de enunciação, podemos prever e propor uma progressão na ancoragem entre diferentes gêneros do discurso.

No que se refere ao aspecto da ancoragem abordado nesta parte do texto, a progressão na disjunção estaria ligada, por um lado, ao tipo de “fatia de vida” referenciada e, por outro, à finalidade ou vontade enunciativa a partir da qual é trabalhada. Estas operações manteriam estreitas relações com o tipo de ancoragem no eixo da situação (mais ou menos implicada ou autônoma) e determinariam os tipos de enganches de referência, assim como as taxas de perfectividade traduzidas ou marcadas lingüisticamente (entre outros elementos não analisados aqui, tais como os organizadores narrativos) pelo sistema verbal.

Progressão na Temática e a Importância do Trabalho com o Repertório e o Léxico

No início deste texto, propus-me também a analisar a distribuição temática ou referencial do conteúdo dos textos em questão, mais aproximados ou distanciados da quotidianidade e, logo, da situação material de enunciação e do mundo do enunciador, hipotetizando relações entre temas do discurso e a ancoragem enunciativa. Para tanto, analisei:

- a densidade sintagmática (Ns e ADJs);
- a distribuição dos Ns em próprios e comuns;
- a distribuição por campos semânticos do léxico nominal.

Foi contatado, no que diz respeito à referencialidade lexical, um claro incremento de densidade sintagmática na biografia e no relato histórico, passando

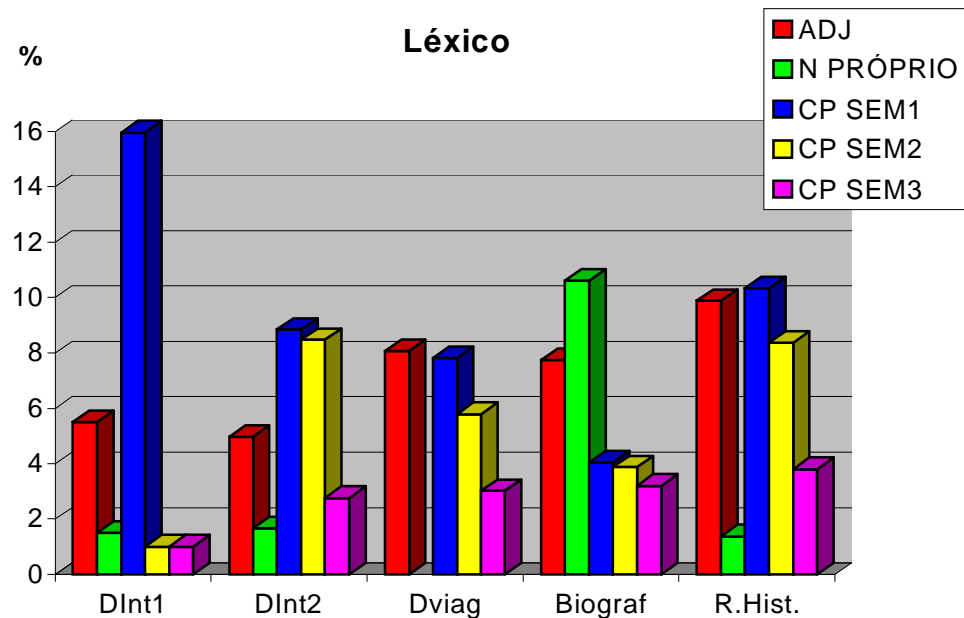
¹⁰ Ver discussão acima, a respeito do texto retirado de *Com Dias entre Céu e Mar*.

¹¹ O autor vai fazer também interessantes descrições e comentários, nesta mesma direção, sobre outros gêneros aqui abordados, tais como o diário de viagem e a narrativa histórica, para ele espaço intermediário entre o discurso teórico e a narração (DT e N). Não as reproduziremos aqui por falta de espaço, mas a fonte permanece acessível.

de um máximo de 30% nos diários, a cerca de 43% nestes dois textos, relacionado também a um decréscimo da dêixis de pessoa. Como hipótese a ser verificada, correlacionei este decréscimo da dêixis de pessoa também ao eixo da referencialidade: na medida em que a temática distancia-se do quotidiano e aproxima-se das esferas públicas, a ancoragem tenderia à relação autônoma, como é o caso da biografia e do relato histórico. Nestes dois gêneros, haveria uma importância maior da extraposição do enunciador em relação à situação e ao mundo textual e da objetivação (reificação) dos temas do texto.

A hipótese de base, que estará sendo testada aqui, seria a de que, quanto mais próxima a temática do quotidiano e, logo, do *eu* e quanto mais próximas do presente quotidiano (ontem, antes de ontem) as ações relatadas, maior a implicação (e a conjunção). No caso contrário, maior a autonomia (e a disjunção). Neste sentido, o eixo da referencialidade exerceria uma interferência decisiva no eixo da situação.

Vejamos os resultados deste segundo tipo de análise:



Em primeiro lugar, constata-se um crescimento da adjetivação entre estes cinco textos/gêneros que mereceria uma investigação mais aprofundada no que se refere a sua caracterização. Da ordem de cerca de 5% do léxico nos diários íntimos, passa a cerca de 8% no diário de viagem e na biografia e a cerca de 10% no relato histórico. Possivelmente, uma investigação mais aprofundada da

adjetivação, na linha dos trabalhos de Kerbrat-Orecchioni no campo, pudesse revelar tipos de adjetivação diferenciados.

Em segundo lugar, salta aos olhos a importância dos nomes próprios (de pessoas e lugares) na biografia. Estes nomes próprios, muitas vezes estrangeiros ou desconhecidos, configuram-se como uma dificuldade para o leitor/produzidor aprendiz e constituem, portanto, um aspecto de gênero a ser trabalhado em termos de referencialidade.

Já no que se refere à distribuição por campos semânticos do léxico nominal, foram detectados, por meio da análise de frequência de léxico nominal, os três campos semânticos principais em cada um destes cinco textos e constatada sua porcentagem de frequência, que nos indica a distribuição dos temas em cada texto.

O quadro abaixo reproduz, por meio da palavra mais freqüente, os campos semânticos principais em cada um deles:

DIÁRIO DO OUTRO	DIÁRIO DE ZLATA	CEM DIAS	MONET	GUERRA DE SECESSÃO
Papai	Casa	Mar	Pintor	Estados
Guerra	Bombardeio	Dias	Tempo	Produção
Profissão	Dias	Barco	Comerciante	Política

Foram considerados temas relevantes no texto aqueles com um percentual de frequência acima de 2,5%. A ordem de relevância dos temas aparece sinalizada no quadro pelo sombreado:

- 1ª ordem de relevância
- 2ª ordem de relevância
- 3ª ordem de relevância
- irrelevantes (não sombreados)

Os resultados mostram que os temas quotidianos, ligados à casa (“*casa*”) e à família (“*papai*”), são de 1ª ordem de relevância nos diários íntimos, como era de se esperar. Entretanto, se são a única temática relevante no texto retirado de *Diário do Outro*, no caso do texto retirado de *O Diário de Zlata* igualam-se em relevância ao tema da guerra da Bósnia (“*bombardeio*”, como palavra mais freqüente).

Como também era de se esperar, a temática do tempo, de sua distribuição e de sua passagem é bastante relevante, tanto em *O Diário de Zlata* (“*dias*”), como no diário de viagem (“*dias*”), como ainda na biografia (“*tempo*”). Constitui-se em temática de 2ª ordem de relevância nos diários e em 1ª ordem de relevância na biografia, confirmando, ainda uma vez, a origem temporal dêitica da referenciação destes textos.

Tanto no caso do diário de viagem, como no da biografia, os temas de 1ª ordem de relevância referem-se ao objeto central comentado, que constitui o conteúdo central do texto. No caso do texto de Amyr Klink, o “*mar*” representa aí as condições climáticas e geográficas de sua viagem. No caso da biografia de Monet, a palavra “*pintor*”, primeira em incidência, é uma anáfora lexical em relação ao objeto central do texto: Monet. Nesta curiosa biografia, que tende a caracterizar

Monet tanto como um artista como como um “*comerciante*”, o campo semântico dos “negócios” de Monet é o segundo relevante.

Tanto o diário de viagem como o relato histórico desdobram hierarquicamente seus temas em três níveis de relevância: o terceiro tema recorrente no texto de Amyr Klink é o “*barco*” e suas condições. No caso do relato histórico, a análise temática constata também três temas principais relevantes: (a) os “*Estados*” (do Sul, do Norte), atores principais na Guerra de Secessão americana; (b) a “*produção*” agrícola e de bens de consumo, seu escoamento, comercialização e distribuição, apontada como uma das causas centrais do confronto e (c) a “*política*”, apontada como outra das causas centrais do confronto.

Portanto, do ponto de vista da análise temática, poderíamos apontar três blocos de textos na amostra: os diários íntimos; o bloco diário de viagem/biografia e o relato histórico.

O primeiro bloco - diários íntimos - tem como temática privilegiada o cotidiano doméstico. Em *O Diário de Zlata*, devido a sua particular situação material de produção, este cotidiano doméstico é atravessado (conturbado) pela temática da guerra¹² e dos bombardeios que tramam este cotidiano. Este resultado dá apoio às constatações anteriores sobre a ancoragem implicada e mais conjunta dos diários íntimos, que, solidariamente, apresentariam uma temática cotidiana, numa “fatia de vida” menor (tendente ao enganche S).

No caso do segundo bloco - diário de viagem e biografia - se não se considerar a temática da passagem do tempo que atravessa os três gêneros -, as temáticas centrais estariam ligadas à caracterização de aspectos relevantes da referência (num caso, a viagem marítima e suas condições; noutro, a vida de um artista “comerciante”), apontando para uma ancoragem disjunta, com enganche (referenciação) E ou R, enunciados, seja a partir de uma ancoragem implicada (diário de viagem), seja a partir de uma ancoragem autônoma (biografia).

No último texto, o relato histórico da *Guerra de Secessão*, pode-se entrever uma outra organização hierárquica entre os temas: não a caracterização ou o relato, mas a causalidade, dando suporte à abordagem de Schneuwly deste gênero como um espaço intermediário entre o discurso teórico e a narração (DT e N).

Em qualquer caso, é óbvia a progressão das temáticas em direção a temas cada vez mais afastados do cotidiano vivido do aprendiz e, portanto, possivelmente desconhecidos, tais como a guerra; o mundo das artes plásticas e do comércio; as viagens marítimas e suas conturbações; as relações políticas e econômicas entre os Estados. Isto aponta para a necessidade de um trabalho sobre o repertório do aprendiz, solidário ao trabalho com as formas composicionais de gênero. Posso aqui falar de uma progressão do privado ao público ou da casa à rua - como diria Roberto Damatta -, que implica a complexificação temática, a necessidade de trabalho com conhecimentos e

¹² Também em *Diário do Outro*, embora irrelevante (1%), a temática da *guerra* aparece, mas aí trata-se de uma “*guerra*” doméstica contra o pai.

relações específicos e a emergência de temas imbricados e de novas relações entre eles, tais como as relações de causa-efeito ou causa-conseqüência.

Finalmente, também parecem se sustentar tanto a hipótese de relações estreitas, a nível da referencialidade, entre os dois eixos da ancoragem enunciativa e a temática do texto, como a da possibilidade de organização de uma progressão didática no ensino-aprendizagem de gêneros do agrupamento "relatar". Esta progressão tematizará aspectos lingüístico-enunciativos aqui detalhados, seja no eixo da situação, em direção à ancoragem autônoma, seja no eixo da referencialidade, em direção à ancoragem disjunta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. (1979) Os gêneros do discurso. In M. Bakhtin, *Estética da Criação Verbal*, pp. 277-326. SP: Martins Fontes, 1992.
- BRONCKART, J-P.; B. Schneuwly *et al.* (1985) *Le Fonctionnement des Discours*. Lausanne: Delachâux & Niestlé.
- CAMPOS, R. (1997) *História Geral 1(2)*. SP: Atual.
- CLAVER, R. (1989) *Diário do Outro*. SP: Atual.
- DOLZ, J. & B. Schneuwly (1996) Genres et progression en expression orale et écrite. *Eléments de réflexions à propos d'une expérience romande*. *Enjeux*, 1996: 31-49.
- FAYOL, M. (1981) *L'Organisation du Récit Écrit chez l'Enfant: Son évolution de 06 à 10 ans*. Thèse de Doctorat d'État. Université de Bordeaux II.
- FILIPOVIĆ, Z. (1993) *O Diário de Zlata - A vida de uma menina na guerra*. SP: Cia. Das Letras, 10ª edição, 1998.
- KLINK, A. (1990) *Cem Dias Entre Céu e Mar*. RJ: Editora José Olympio, 26ª edição, 1990.
- REICHENBACH, H. (1947) *Symbolic Logic*. Berkeley: University of California Press.
- RODRIGUES, T. M. (1995) *A Vida de Monet*. RJ: Ediouro.
- SCHNEUWLY, B. (1985) Le texte intermédiaire: un espace qui éclate. In J-P. Bronckart; B. Schneuwly *et al.* (1985) *Le Fonctionnement des Discours*, pp. 101-144. Lausanne: Delachâux & Niestlé.
- SCHNEUWLY, B. (1988) Le Langage Écrit chez l'Enfant: La productions des textes informatifs et argumentatifs. Lausanne: Delachâux & Niestlé.
- SCHNEUWLY, B. (1994) Genres et types de discours: Considérations psychologiques et ontogénétiques. In Y. Reuter (ed.) *Les Interactions Lecture-Écriture*, pp. 155-174. Berne: Lang.
- VOLOSHÍNOV, V. N. (1929) *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. SP: Hucitec, 2ª edição, 1981.

